

Moção Global de Estratégia

1º Subscritor: PEDRO PASSOS COELHO

NÃO HÁ TEMPO A PERDER !

INTRODUÇÃO

Aproximamo-nos vertiginosamente do fim do século em que vivemos.

Poucos no passado, terão sentido, como nós, estar também a presenciar o fim de um mundo velho.

O velho mundo acabou !

Décadas a fio, habituámo-nos a ver no Kremlin mais um sucessor de Lénine ou de Estaline. Hoje, Gorbatchev parece estar já tão perto dessa distante memória histórica quanto à História pertence a revolução dos soviets. E a União Soviética acabou.

Estará a NATO para acabar ? Ficarão as Nações Unidas na mesma depois do fim do Pacto de Varsóvia ? O que se seguirá ao fim anunciado da política de apartheid ? Qual será o futuro da CEI ? Haverá União Política na Europa ?

A realidade em que vivemos, com tão rápidas e permanentes mudanças, oferece-nos bem poucas certezas.

É a incerteza do futuro que se faz anunciar acompanhada de antigos problemas que ressurgem e de ameaças mais recentes que se avolumam.

Preocupa-nos o ressurgimento de múltiplas formas de intolerância, seja religiosa ou política. Como nos preocupa o terreno que vêm ganhando os fenómenos e expressões da extrema-direita, particularmente na Europa.

Receamos, também, a ameaça de ruptura que pesa sobre o Planeta. Ruptura ecológica que o mundo desenvolvido tem sido incapaz de combater. Ruptura económica e social bem patente na pressão demográfica que agrava o fosso entre o Norte e o Sul, entre os Países ricos e os sub-desenvolvidos, e que envergonha o milagre da ciência económica.

Temos a percepção de que, entre problemas e ameaças, o que está para vir está ainda muito por construir.

E não há tempo a perder.

Perde o comboio da História quem hoje não tem coragem para enfrentar desafios e desperdiça as suas oportunidades.

Para a JSD, o grande desafio é vencer a aposta europeia.

Porque vencer esta aposta significa agarrar a oportunidade de ter um Portugal moderno e significa poder estar na linha da frente de um maior protagonismo no novo Mundo que se está a construir.

Mas não vamos ganhar esta aposta se nos limitarmos a olhar para fora. Só a ganha quem souber valorizar os seus recursos e aproveitar as suas próprias oportunidades.

Para a JSD, há que saber preparar os nossos recursos humanos para esta mudança, conseguir garantir um futuro com mais oportunidades para as gerações jovens e querer dignificar a vida das pessoas.

E é por isto que, ao eleger os seus desafios para os próximos 2 anos, a JSD afirma que:

NÃO HÁ TEMPO A PERDER para:

- 1. REALIZAR, MESMO, A REFORMA EDUCATIVA**
- 2. DAR MAIS FORÇA À POLÍTICA DE JUVENTUDE**
- 3. LUTAR POR UMA AUTARQUIA DE QUALIDADE**
- 4. RENOVAR E REJUVENESCER A JSD**

REALIZAR, MESMO, A REFORMA EDUCATIVA

A área da Educação será certamente, nos próximos dois anos, o alvo privilegiado da atenção e da aposta política da JSD.

Qualquer sociedade que tenha a pretensão de ser moderna e de estar na linha da frente do progresso social e económico não pode deixar de investir fortemente na formação dos seus recursos humanos.

Portugal é um país que se está a modernizar e que pretende ingressar no núcleo duro dos países mais desenvolvidos da Comunidade Europeia. O nosso país precisa, por isso, de ter um cuidado acrescido na valorização do património humano e de preparar muito particularmente os jovens portugueses para a competição e afirmação no conjunto europeu.

Esta tarefa passa, sem dúvida, por uma grande mudança e transformação no nosso sistema educativo e já tarda em vê-la concretizada.

Há quase trinta anos que se fala em reforma educativa em Portugal e os últimos quatro anos foram grandemente dedicados a este tema. E não obstante o esforço que foi desenvolvido, é já altura de não perder mais tempo e exigir que as virtudes da estabilidade política se façam sentir numa definição urgente das reformas a empreender na Educação.

Até porque é cada vez mais notória a falência do actual sistema educativo. Falência do seu financiamento por parte do Estado e falência da Escola enquanto unidade educativa.

O Estado Social não tem hoje possibilidade de sustentar e prover à explosão do mercado educativo e o ensino formal perdeu a corrida da formação. Para quase todos, a televisão é hoje certamente um meio muito mais poderoso de formação e informação que a escola. A maioria dos jovens, esperando bastante da Educação para se preparar para a vida, deve pouco à escola o que consegue por si na vida.

A JSD entende claramente que alterar o sistema educativo significa nos nossos dias transformar a escola e reordenar, sem complexos, os objectivos a que ela deve obedecer.

Em primeiro lugar, na escola tem de se aprender a aprender. Ou seja, e ao contrário de agora, espera-se da escola que desenvolva o espírito crítico e promova a inovação. Questionar e inventar o mundo mais do que coleccionar e reproduzir conhecimentos.

Em segundo lugar, na escola tem de se conhecer e compreender a realidade. Ao ensino livresco deve opor-se o contacto com as realidades do mundo envolvente. Mais do que o passado, é fundamental saber interpretar o presente fazendo parte dele. Utilizar a tecnologia sem a conhecer e consumir o conhecimento sem o compreender é ser contemporâneo da marginalidade e ser excluído.

Em terceiro lugar, na escola tem de se preparar para a integração na vida activa. O estudo não pode ser uma mera curiosidade destinada a adolescentes e os estudantes não podem ser os eternos candidatos a aprendizes. Uma escola que não ajude a preparar para uma futura profissão é frustrante e uma perda de tempo e foge ao objectivo de proporcionar condições essenciais para a felicidade e integração social de cada jovem.

Mas a JSD defende também a necessidade urgente de clarificar os princípios a que deve obedecer o sistema educativo.

Defendemos a Justiça Social. Por esta razão esperamos a alteração do sistema de apoio social ao estudante, que é hoje injusto, insuficiente e pouco transparente. Mas não aceitamos hipocrisia do Estado que discrimina estudantes no ensino superior e se esquece que metade daqueles que ingressam e depois frequentam um curso superior, o faz a expensas próprias sem qualquer tipo de apoio sério.

Defendemos a Autonomia das unidades escolares. Esperamos por isso uma maior descentralização da política educativa e uma maior participação da comunidade na definição da política das escolas. Esperamos também o descongestionamento da burocracia do Ministério da Educação e um combate activo à sua estrutura tentacular que tritura Ministros, professores e estudantes. Mas não aceitamos a irresponsabilidade e a irracionalidade com que somos brindados na política do empurra e da má gestão. O Estado não pode investir financeiramente no ensino como o faz hoje com resultados tão pouco visíveis e consequentes.

Defendemos a Liberdade de Ensino. Somos por isso a favor de um sistema de concorrência entre um ensino público e um sistema privado, quer no ensino unificado e secundário quer no ensino superior. **Mas não podemos aceitar a impunidade e bandalheira quer de uns quer de outros.** Ensino público e privado têm de estar sujeitos a idênticas regras de avaliação científica e pedagógica que contribuam para melhorar a qualidade do ensino, para acautelar as escolhas dos estudantes e para garantir melhores saídas profissionais.

A JSD apresentará, pois, entre outras medidas particulares, uma proposta global de revisão da Lei de Bases do Sistema Educativo que respeite os objectivos e princípios expostos.

DAR MAIS FORÇA À POLÍTICA DE JUVENTUDE

O PSD foi o primeiro partido a defender e executar uma política global dirigida aos jovens portugueses.

Durante quase seis anos apostou-se na criação de programas inovadores e de oportunidades para os jovens, ao mesmo tempo que se lançaram bases importantes de infraestruturas destinadas ao associativismo juvenil, quer no que respeita a Centros ou a Pousadas de Juventude.

Sobretudo, nos últimos anos, tornou-se irreversível a preocupação que o Estado deve ter sobre a condição juvenil e clara a sua responsabilidade na execução concertada de políticas dirigidas aos jovens.

Reconhecido este mérito e a importância inequívoca em que se traduziu por os jovens portugueses, é altura de mudar a página e dar um salto qualitativo **dando mais força à Política de Juventude.**

Em primeiro lugar, consolidando e melhorando a qualidade da rede de infraestruturas de apoio ao associativismo, que se deseja com um funcionamento mais descentralizado, e apostando numa forte malha de informação tão próxima dos jovens quanto possível.

Em segundo lugar, corrigindo e desburocratizando os instrumentos que permitem realizar a política de juventude. O Instituto da Juventude, embora relativamente recente na Administração, é já hoje uma máquina excessivamente pesada e ineficaz que precisa de ser destruída e extinta.

O Estado não necessita de ter uma nova versão de aparelho burocrático para os mais jovens, mas sim de possuir núcleos duros dotados de maior mobilidade e autonomia.

Em terceiro lugar, acabando com a excessiva institucionalização na área da juventude. Há comissões e conselhos consultivos a mais, de que os jovens pouco têm a esperar e em que pouco se revêem.

Exige-se do Estado que tenha em boa conta a intervenção e opinião dos jovens quando toma decisões e mesmo que tenha a coragem de assumir uma postura aberta de concertação com as organizações de juventude.

Porém, isto não pode significar para o Estado o reconhecimento, com injusta discriminação em favor, de um organismo como é o Conselho Nacional de Juventude que faliu sem conseguir assumir um verdadeiro papel reivindicativo com o qual as organizações de juventude se pudessem identificar.

A JSD irá, conseqüentemente, desvincular-se do CNJ e denunciar a sua inoperância e falta de representatividade entre os jovens portugueses.

A JSD defenderá, igualmente, a dignificação e revalorização de um único Conselho prosseguindo uma linha de concertação, onde os jovens estejam amplamente representados a nível nacional.

Em quarto lugar, apostando com mais força na coordenação das políticas sectoriais ao nível da Administração e assumindo um papel de maior responsabilidade e protagonismo na concepção e execução de novas políticas.

Questões tão importantes, hoje, para os jovens como a Habitação, as oportunidades de formação técnica e profissional, a alfabetização tecnológica ou o apoio à mobilidade, entre outras, não podem ficar à espera de uma melhor ocasião em cada Ministério.

Respostas urgentes, como as que são esperadas nestes domínios, exigem iniciativa na área política da Juventude que comprometa toda a Administração e mobilize os jovens portugueses.

LUTAR POR UMA AUTARQUIA DE QUALIDADE

As autarquias tendem a estar cada vez mais próximas da resolução de problemas importantes que afectam as pessoas no seu quotidiano.

Se é verdade que continuamos à espera de um efectivo e inadiável processo de descentralização do Estado, não é menos verdade que ao actual poder local cabem por isso desempenhos fundamentais para a vida e futuro de cada um de nós.

Sabemos que a chamada autarquia de infraestruturas não cumpriu ainda integralmente o seu papel porque algumas comunidades existem que continuam a aguardar a satisfação de necessidades básicas, seja ao nível do saneamento, do ensino ou da habitação.

É, no entanto, inquestionável que a evolução, e muitas vezes a explosão, para novas formas de vida trouxeram não só realidades diferentes como problemas novos que as autarquias têm de enfrentar. Sobretudo quando estão permanentemente confrontadas com novos modelos de desenvolvimento, igualmente errados no interior ou no litoral.

Desde logo, porque se caminha rapidamente para a desertificação do mundo rural ao mesmo tempo que se acentua a desumanização dos meios urbanos. Mas também porque se convencionou não ser possível contrariar a marginalização a que o crescimento económico dos grandes centros urbanos destina a maior parte das pessoas.

À medida que desaparece o mundo rural ganha espaço a criação de pequenos cogumelos macrocéfalos onde a vivência se reproduz segundo o mesmo padrão: sobreviver nas condições possíveis para ganhar e vencer no que se puder. Trabalhar para viver e viver, de preferência, sem desesperar.

Hoje, a aldeia ou vila que não é cidade deseja sê-lo. As cidades, ao invés de constituírem centros de liberdade e criação, criam refúgios e barreiras de solidão. A cidade da "classe média" é um meio pobre e degradante e o futuro feliz dos mais jovens é pertencer a esta classe que não escolheram.

É preciso denunciar este modelo de fracasso social. E é urgente combatê-lo.

Esta tarefa não pode ficar limitada à acção de qualquer Governo, porque só pode ser bem assumida se for correspondida pela acção directa e mais próxima das autarquias.

A JSD entende, por esta razão, ser fundamental garantir que as competências e atribuições já hoje cometidas às autarquias possam merecer um desempenho mais responsável e actuante.

Defenderemos, assim, a alteração da lei eleitoral para as autarquias visando, particularmente, a constituição de executivos maioritários mais coesos e eficazes, mas também sujeitos a uma maior responsabilização pelo eleitorado.

Mas a JSD entende, igualmente, indispensável o progressivo reforço das competências das autarquias, bem como dos correspondentes meios financeiros, visando alicerçar melhor a urgente descentralização da Administração.

Mas precisamos, sobretudo, de levar para a autarquia uma nova mentalidade de que só os jovens são portadores. As questões tradicionais do ambiente e de preservação do património terão, daqui para a frente, de andar ligadas aos problemas da vivência urbana enquanto espaço de realização e de qualidade e modelo de vida.

A JSD vai, pois, empenhar-se nas próximas eleições autárquicas, tanto porque tem jovens capazes de trazer esta nova visão para a gestão política do poder local como porque acredita que é necessário afirmar um novo discurso político que dê lugar a uma responsabilização e intervenção maiores das pessoas nas autarquias.

RENOVAR E REJUVENESCER A JSD

As apostas e desafios em que nos vamos empenhar nestes dois próximos anos exigem, pela sua dimensão e importância, uma forte mobilização de toda a estrutura da JSD e, sem dúvida, a abertura da organização a uma nova geração.

Uma organização de Juventude que não seja capaz de, permanentemente, dar espaço à intervenção e progressão daqueles que começam a despertar para a participação política corre necessariamente o risco de se transformar num clube fechado e envelhecido.

A JSD deve continuar, perante a desorientação e as apostas fracassadas das outras organizações partidárias de juventude, a afirmar-se como a maior organização de juventude.

Mas só tem sentido e consequência desejá-lo se soubermos, em cada momento, captar e promover aqueles que, acreditando no nosso projecto, se revelam como os agentes de maior potencial de intervenção e transformação.

É, assim, fundamental reforçar a vertente associativa estudantil da JSD.

Isto tanto porque é na área da Educação que se situam bastantes das nossas mais fortes apostas, como sobretudo porque o passado recente demonstrou bem terem sido os dirigentes estudantis aqueles que, no seio da JSD, melhor souberam estar à altura do combate político que tivemos de ter de travar, uma vez mais, no terreno associativo.

O sentido da reforma da estrutura estudantil que, em sede estatutária, se propõe neste X Congresso é, sem dúvida, a pedra angular do rejuvenescimento e renovação que devemos, permanentemente, empreender.

Este investimento, porém, não pode deixar de ser fortemente sustentado e acompanhado por uma política de formação agressiva e continuada.

O esforço de cooperação e colaboração com a Área de Juventude do IPSD deve ser correspondido pelo conjunto de todos os níveis da estrutura interna da JSD.

E para vencer, no terreno difícil que temos pela frente, não é só importante ter bons recursos humanos. É também fundamenta reforçar os meios que asseguram uma grande coesão no discurso e na prática política de toda a JSD.

Estamos certos de que os grandes desafios que enfrentamos não podem ser vencidos apenas com o esforço de alguns. O trabalho nacional é, antes de mais, a partilha de tarefas e responsabilidades com todos os outros níveis da estrutura: Distrital ou Concelhio, residencial ou estudantil.

A JSD não pode, ainda, deixar de acertar o passo com a exigência maior da sociedade em que vivemos: a qualidade da informação.

Temos, pois, não só de modernizar os meios de comunicação entre os militantes, como também de tornar mais eficazes os instrumentos para divulgar as nossas propostas aos outros jovens.

Conseguir, com credibilidade, a sua adesão e participação é o nosso principal objectivo enquanto organização de juventude.

Por isso, precisamos de ter uma estrutura mais aberta e inovadora.

Para isso, a JSD tem de saber renovar-se permanentemente e ser cada vez mais jovem porque

NÃO HÁ TEMPO A PERDER !